

PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA NA TERAPIA ABA

Letícia Nayra Fernandes Braga

Centro Universitário Fametro - Unifametro

leticianayra0399@icloud.com

Área Temática: Políticas e Práticas em Saúde Mental

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: XII Encontro de Iniciação à Pesquisa

Introdução: O presente trabalho tem como temática o papel da afetividade no processo de desenvolvimento de crianças autistas, levando em consideração os vínculos escolares, familiares e terapêuticos durante todo o processo de desenvolvimento social e cognitivo.

Tendo como base os estudos de Vygotsky (1896-1933) e Henri Wallon (1879-1962) que focalizam a afetividade em sua totalidade, considerando-a em sua relação com as emoções e sentimentos que influem diretamente no processo de aprendizagem de forma positiva ou negativa. Tem como tema o papel da afetividade no processo de desenvolvimento de crianças com TEA, analisando a afetividade como prática terapêutica dentro da visão da terapia ABA. O objetivo é apresentar o papel da afetividade na vida das crianças incluindo todo processo de desenvolvimento e evolução, tornando-se o afeto como princípio norteador. A temática surgiu através de vivências, que vem levantando questionamentos quanto às práticas dos profissionais em relação às crianças com TEA que possuem dificuldades cognitivas e sociais. Torna-se vital, assim compreender a importância da presença de um ambiente propício ao exercer a afetividade na vida dessas crianças. O referido trabalho será de cunho qualitativo com pesquisas bibliográficas, dando ênfase as estratégias de ensino e reforço diferencial da análise do comportamento aplicada, fazendo entender a importância da ciência ABA e do afeto no processo de aprendizagem.

É válido destacar também um fator de alta relevância, que é a inclusão escolar, que segundo a Lei nº13.146, de 6 de julho de 2015 destaca a importância da inclusão de crianças com necessidades especiais nas escolas regulares, analisando práticas das instituições escolares e dos educadores na aceitação do convívio com outras crianças e com familiares, rompendo e reformulando paradigmas. A constituição federal garante que todas as crianças com necessidades especiais tenham direito a igualdade e a educação sem exceções, sejam escolas públicas ou privadas, os alunos devem ser recebidos independente de suas diferenças, desde a educação infantil até a universidade (BRASIL, 2015).

Este estudo possui relevância centrada em analisar o processo de desenvolvimento com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), relacionando o convívio com a afetividade escolar, familiar e terapêutica com seus progressos cognitivos e sociais.

Afetividade no âmbito da psicologia é a capacidade individual de vivenciar experiências em um conjunto de sentimentos e fenômenos afetivos: emoções, paixões, sentimentos. A afetividade consiste na força desses fenômenos através de um indivíduo. Por meio do afeto entre as pessoas, pode-se potencializar o ser humano e revelar seus sentimentos

e emoções a partir da vida, o que influenciará positivamente o crescimento social e cognitivo. Permite revelar os sentimentos em relação a outros seres e objetos, fazendo com que as pessoas criem laços, amizades entre elas e até mesmo com animais, porque eles também são capazes de demonstrar afeto uns com os outros e com seres humanos.

Os laços gerados pela afetividade não se limitam só em sentimentos mas também em atitudes, significando assim que em um relacionamento é necessário que essas atitudes sejam cultivadas, para que seja saudável e próspero.

Um dos grandes pensadores que abordou o conceito de afetividade foi o psicólogo francês Henri Wallon (1879-1962). Ele traz a ideia de que a inteligência não é o elemento mais importante do desenvolvimento humano, mas esse desenvolvimento dependia de três vertentes: a motora, a afetiva e a cognitiva.

Segundo Wallon, a afetividade contribui de forma direta e positiva para as resoluções de conflitos das crianças, diante disso pode-se agregar assertivamente ao desenvolvimento social e cognitivo das crianças. O mediador precisa estar disposto a analisar e desenvolver este trabalho que requer muito cuidado e atenção, precisando entender as dificuldades específicas dessas crianças intervindo com qualidade e desempenho para que o aluno avance e se desenvolva dentro das suas dificuldades particulares. A princípio, a afetividade é apenas expressão motora ("diálogo tônico", ou seja, a criança se comunica através de movimentos, resultantes de manifestações de alegria e prazer diante do toque do adulto) e com o tempo a criança vai incorporando a linguagem e esta se torna cada vez mais forte na criança, que cada vez mais vai querer ouvir e ser ouvida. "O elogio transmitido por palavras substitui o carinho" (ALMEIDA, 1999).

Para Vygotsky a história da sociedade e o desenvolvimento humano caminham juntos, conhecendo e transformando a criança a partir das interações entre as pessoas que a rodeiam (LAKOMY, 2003 p.38).

Para os autores mencionados acima, a afetividade é um elemento inerente do processo de desenvolvimento, mas especificadamente da aprendizagem, o que não se limita em acontecer só na escola, mas na família e em momentos de diversão com as pessoas que convivem.

O afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações, entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão, e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem.

A criança autista não utiliza uma resposta afetiva das pessoas para expressar seu próprio comportamento, e devido a isso se assusta com alguns objetos ou atitudes (HOBSON, 2002). Apresentam déficits em sua capacidade de usar significados das palavras como uso de uma fala espontânea que acarretam prejuízos em compreender e aceitar regras, além disso, não se baseiam nas respostas afetivas dos outros para refletir acerca de seus próprios comportamentos e ações. (Ibidem, 2006)

Evidências revelam que os prejuízos afetivos de crianças autistas se encontram em suas primeiras interações e são os mesmos que geram todos os desvios em seu desenvolvimento, se não for trabalhado de forma correta terão um valor negativo durante toda a vida.

As interações iniciadas pelos adultos (Famíliares, Professores e terapeutas) precisam ser criativas e lúdicas como atividades grafo motoras e musicais que atraiam a atenção da criança e despertem interesse, fazendo com que elas tenham a necessidade de se comunicar através de imitação de comportamentos e expressões, permitindo uma socialização das crianças autistas com os adultos como um envolvimento social.

Fundamentando-se nisso, procura-se estabelecer situações e atividades do interesse de cada criança, pois cada criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem suas

limitações e seus interesses particulares, é necessário conhecê-los para usá-los como um objeto reforçador, que atraíam a atenção da criança para a pessoa e para as interações sociais oferecidas no momento.

Diante disto, pode-se conectar o afeto do adulto à criança agregando valor positivo em seu desenvolvimento, potencializando a conexão afetiva e a atenção compartilhada, entretanto é necessário que siga uma linha de desenvolvimento.

É necessário compreender que o desenvolvimento da conexão afetiva das crianças autistas, precisa ser estratégia imprescindível dos programas de intervenção desenvolvimentista, e, ao darmos a oportunidade para que essas crianças se conectem ao afeto do outro, damos condições para o aparecimento de interações sociais e de comportamentos fundamentais para o seu desenvolvimento.

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) incentiva o conhecimento através de materiais concretos, apresentando pensamentos conceituais e abstratos que façam sentido para a criança. Durante o processo de tratamento comportamental é ensinado habilidades que possuem uma hierarquia de ajuda, podem ser chamadas de aprendizagem sem erro, pois são repetidas várias vezes, até que a criança demonstre habilidade sem erro em diversas situações e ambientes. O tratamento também é caracterizado pelo uso frequente de resultantes positivas, durante o ensino, cada comportamento apresentado pela criança precisa ser registrado para que assim possa ser avaliado seu progresso.

O autor Ivar Lovaas (1987) foi o primeiro psicólogo a aplicar o método de Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o método é amplo e possui diversas maneiras de intervenção e estratégias de ensino e manejo comportamental. Segundo Lovaas (2002), parte do sucesso da terapia ABA está ligada à compreensão do autismo não como uma doença ou como um problema que deve ser corrigido, mas sim como um complexo de comportamentos que podem ser desenvolvidos por procedimentos e ensinamentos especiais. Esta compreensão, segundo o autor, permite que o profissional foque nas características e particularidades específicas de cada criança auxiliando e aperfeiçoando assim as habilidades que já existem. É válido ressaltar um fator de muita relevância que é apontado como o responsável pelos resultados positivos da terapia ABA, que consiste no fato dos procedimentos de intervenção serem embasados pelas evidências científicas e são utilizados como semelhante linha de sucesso em crianças típicas e atípicas.

Objetivo:

O objetivo deste trabalho é analisar o conceito de afetividade como prática pedagógica para crianças autistas, levando em consideração que podemos destacar diversas questões na escola como a relação professor-aluno, dificuldades na aprendizagem, dificuldades na socialização, desatenção, que muitas vezes são levantadas a partir da temática da afetividade. Identificando de que maneira a afetividade pode contribuir positivamente no processo de ensino-aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e quais práticas afetivas, cognitivas e sociais são desenvolvidas com essas crianças atípicas analisando de que forma se agregam nas relações escolares e familiares.

Metodologia: A pesquisa foi desenvolvida através de pesquisas bibliográficas, Vanti (2002) define como um conjunto de métodos de pesquisas utilizadas para mapear a estrutura de conhecimento em um campo científico através de uma abordagem qualitativa com diversos dados bibliográficos onde os conceitos utilizados foram Afetividade e Autismo embasando-se nas leituras de HENRI WALLON (1879) - (1962), EUGÊNIO CUNHA “Afetividade e Autismo” (a/d), CLAUDIO J.P. SALTINI (2002, p. 44), (2002, p. 46), (2002, p. 57).

Resultados e Discussão:

O lado afetivo e a afetividade se redigem e são consequências das interações que a criança estabelece, essas relações constroem e deixam os sinais afetivos que são os sentimentos, que se interagem com o mundo de forma negativa ou positiva, quanto melhor a relação poderá promover uma aprendizagem melhor ou não, isso também não deve ser confundido com o fato de corrigir a criança quando necessário.

A afetividade se constitui como uma das habilidades que os profissionais precisam utilizar para elaboração das propostas pedagógicas, no planejamento das atividades e na mediação das relações entre adulto/terapeuta-criança, entre criança-criança e entre as crianças e os objetos de conhecimento. Dessa forma, a dimensão afetiva é inerente à função primordial das creches, pré-escolas e clínicas, cuidar e educar (CACHEFFO e GARMS, 2015, p. 25).

As instituições sejam estas escolas ou clínicas de intervenção comportamental precisam estar preparadas para que as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) se desenvolvam cidadãos capazes de pensar, aprender e solucionar problemas, as crianças podem frequentar a escola regular, porém nelas é necessário suprir algumas carências devido o possível surgimento de necessidades específicas.

Segundo Nunes (2008, p.4) as crianças autistas em geral apresentam dificuldade em aprender e a utilizar de forma coerente as palavras, mas se obtiverem um tratamento e acompanhamento correto e intensivo conseguem desenvolver habilidades na linguagem, motoras e nas interações sociais as quais já se ligam com a aprendizagem que também é um trabalho árduo que requer muita dedicação e paciências tanto dos familiares quanto dos professores.

É necessário que haja uma parceria total entre família, escola e profissionais como Psicólogo e terapeutas que precisam estar sempre atentos acompanhando todas as atividades e proporcionando momentos diversos para que de alguma forma haja uma comunicação, sendo assim a família e os profissionais que acompanham a criança possuem um papel importante não só na educação da criança, mas em toda a trajetória e em todo o processo de socialização e de aprendizagem.

Considerações finais:

Procurei aqui explorar com comprometimento uma forma de mostrar que todas as práticas docentes desenvolvidas de forma correta com crianças Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um ato de afeto. A afetividade nos rodeia em todas as fases e práticas humanas e se bem desenvolvidas enriquece principalmente o desenvolvimento social, cognitivo e ensino-aprendizagem de crianças Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais de escolarização.

Levando em consideração que pessoas marcam a vida uma das outras tanto positivamente quanto negativamente, quando um professor marca sua vida de alguma forma seja ela qual for isso pode ser um reflexo de intervenções na relação professor-aluno. As interações devem acontecer de forma prazerosa e nesse processo a afetividade atua como um fator determinante, pois quando vemos algum sentido naquilo que estamos aprendendo criamos uma relação afetiva com tal objeto seja ele qual for e assim acreditamos que essas marcas afetivas têm um poder de nos contagiar e criar uma ligação ainda maior com as pessoas que nos cercam.

Palavras-chave: Afetividade; Autismo; Desenvolvimento; ABA

Referências:

SILVA, M., L. F. S. (2001) Análise das dimensões afetivas nas relações professoraluno. Relatório técnico apresentado como exigência de conclusão de bolsa de pesquisa da Faep, Faculdade de Educação UNICAMP.

LEI Nº13. 146, DE 6 DE JULHO DE 2015(BRASIL,2015)

CUNHA, Eugênio. Autismo Infantil: Práticas educativas na escola e na família. Disponível em: . Acesso em: 17 jun. 2020.

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014a. CUNHA, Eugênio. Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014b.

ROSSINI, M. A. S, **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, Vozes, 2001, P. 09

SALTINI, C.J.P. Afetividade Inteligência: a emoção na educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, P44-57.

Bardin, L.(2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. Pesquisa qualitativa em administração. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Mahoney, A. A. (2004). A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. Em A. A. Mahoney & L. R. Almeida (Orgs.), *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon* (pp. 13-24). São Paulo: Edições Loyola.

DANTAS, H. (1992) Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda.

MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. de, Henri Wallon – Psicologia e Educação. Edições Loyola, são Paulo, Brasil, 2000.

Hobson, P. (2002). The cradle of thought. London: Macmillan

CACHEFFO, Viviane Aparecida Ferreira Favareto; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Afetividade nas práticas educativas da educação Infantil. Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, número especial 1, p. 17-33, jan. 2015. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2814/2915>> Acesso em 17 jun 2020.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NUNES, Daniella Carla Santos. **O pedagogo na educação da criança autista**. Publicado em 07 de fevereiro de 2008. Disponível em <<https://www.webartigos.com/%20articles/4113/1/O-Pedagogo-Na-Educacao-Da-Crianca-Autista/pagina1.html>> Acesso em: 17 jun 2020.

CAROTHERS, Douglas E.; TAYLOR, Ronald L. Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo. 2004. Disponível em: <<https://www.ama.org.br/site/cod=64>>. Acesso em 17 jun 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000. _____. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. 6ª ed. São Paulo: Martins, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática. Ed. 5. Goiânia: Alternativa, 2004.

OLIVEIRA, L. de C. F. Escola e família numa rede de (des) encontros: um estudo das representações de pais e professores. São Paulo, SP: Ed e Livraria Universitária, 2002

LOVAAS, O. I. (2002). **Teaching Individuals with Developmental Delay: Basic Intervention Techniques**. Austin: Pro-ed.